

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

24

U

LISBOA

Centro
de História



MHNIN ΔΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

MARIO REGALI (2012), *Il poeta e il demiurgo. Teoria e prassi della produzione letteraria nel Timeo e nel Crizia di Platone* (International Plato Studies 30), Sankt Augustin, Academia Verlag, 213 pp. ISBN 978-3-89665-582-0 (€49.00).

Nas breves páginas que dedica à sua Introdução, Mario Regali mostra-se ciente do que de mais novo foi produzido no campo dos estudos platônicos. Nesse pequeno segmento, referências a pesquisas das últimas duas décadas dividem espaço com menções a pesquisas de nomes consagrados, entre os quais Pierre Hadot. Isso não se dá sem bons motivos; fundamentado nessas pesquisas, Regali pode recordar que a relação de Platão com a poesia vai além da «condenação, apenas aparente, do livro X da República» (p. 9) e que esta pode ser útil à *polis* quando adequada à investigação especulativa. É isso o que lhe permite determinar o escopo de sua pesquisa: «coniu-gare l'approccio critico mostrato dalle recenti ricerche sulla poetica di Platone con i risultati raggiunti dalla esegesi sul *Timeo* e sul *Crizia*, per indagare [...] il contributo che [...] possono offrire alla concezione generale di produzione letteraria che è possibile attribuire a Platone (...) [e] verificare se tramite la prospettiva letteraria è possibile illuminare alcuni aspetti del *Timeo* e del *Crizia*» (p. 10).

É pela análise dos componentes literários dos relatos sobre o demiurgo e Atlântida que Regali realiza sua tarefa. No capítulo primeiro, ele analisa como Platão constrói seus textos a partir de alusões aos gêneros tradicionais da literatura: é assinalada, mediante o destaque de certos vocábulos, a presença da elegia simposial, do *epos* e do teatro, tal como de temas que evocam hinos e encômios salvos da condenação no livro décimo da *República*. No mesmo âmbito, Regali também se debruça sobre a construção e posição dos personagens de Sócrates, Timeu e Crítias, revelando como os traços de excelência de cada um busca fundamentar, sobre bases sólidas, «il tentativo di riforma della produzione letteraria della tradizione» (p. 176). Nesse aspecto, relacionar o que afirma Regali ao que Platão expõe na *República* é particularmente esclarecedor.

No segundo capítulo, o mais curto, o recurso de Platão aos gêneros literários da tradição se torna ainda mais claro. Regali analisa aqui o emprego da técnica épica do retardamento no *Timeu* e *Crítias*, mas não sem antes recordar como ela é utilizada por Homero, com especial ênfase no Catálogo das Naus. A partir do modelo homérico, pode notar-se como Platão se fundamenta no *epos* ao intercalar o prólogo

sobre Atlântida, a narrativa – aparentemente deslocada – de Timeu sobre o demiurgo e o relato acerca da famosa ilha. Mas isso não é tudo: Platão, mostra-nos Regali, não emprega esse retardamento apenas nessa estrutura mais ampla, mas também no interior dos diálogos, nos quais detalhes são apresentados com vagueza, indo e voltando no tempo, para «dilatar o horizonte de espera» e ampliar o interesse do leitor pelo que está por vir.

Recorrendo novamente à autoridade das críticas recentes, o Capítulo III se inicia com o esclarecimento das várias nuances semânticas que o termo *mimesis* assume na obra de Platão. Com base nisso, é possível identificar certos traços da *mimesis* platônica no relato de ambos os títulos tratados, de modo particular no *Timeu*, por cujo personagem homônimo Platão também «construisce una trama di corrispondenze fra il narratore [...] [e] i suoi personaggi [...] che richiamano il rapporto mimetico fra poeta, pubblico e personaggio [...] che [Platone] considera il fulcro della produzione letteraria e della sua fruizione» (p. 146). Emerge da cuidadosa análise de Regali a possibilidade de uma prática mimética positiva, de acordo com as normas de Sócrates e os resultados da investigação especulativa cara a Platão; com efeito, a construção de Timeu e Crítias se mostra em pleno acordo com as diretrizes estabelecidas em sua República ideal.

O Capítulo IV de *Il Poeta e il Demiurgo* se volta especificamente à figura deste último; porém, embora retome os problemas encontrados por quem deseja definir qual é seu estatuto ontológico (inclusive no período da Academia antiga), opta por vê-lo sob a perspectiva literária. Regali recorda o papel do demiurgo como agente e, recorrendo tanto ao *Fédon* quanto à *Poética* de Aristóteles, relaciona a importância dessa agência para a sua classificação enquanto *mythos*. Também a partir de Aristóteles – e, dessa vez, ainda da *República* –, a relevância da *praxis* é destacada: inferior apenas à *mimesis* no contexto do debate sobre a produção literária, ela vincula o relato do *Timeu* às reflexões normativas estabelecidas por Platão no plano da teoria literária e demonstra o novo projeto literário a que aponta o filósofo.

O capítulo final retorna à esfera prática da relação entre a tradição literária e a produção platônica. Dessa vez, o autor toma como foco a figura do demiurgo, de modo particular seu nome e seu discurso aos deuses. Recorrendo à etimologia, «uno strumento della tradizione» (p. 175), demonstra como Platão retirou do proêmio dos *Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, a base do jogo etimológico relacionado ao nome

do personagem. Além da etimologia, diz o autor, o discurso do próprio demiurgo evoca os *Trabalhos*: «la descrizione della potenza del demiurgo nel discorso agli dei è costruita sul modelo dell'aretologia di Zeus negli *Erga* tramite puntuali accordi nella dizione» (p. 178). O que faz Platão, em suma, é «attraverso l'etimologia [...] recupera[re] il contributo di Esiodo» e a ele conferir, para além da esfera etimológica, «una funzione ideologica nello sviluppo complessivo del cosmo richiamato dal *Timeo* al *Crizia*» (p. 175).

Il Poeta e il Demiurgo é, sem dúvida alguma, livro de enorme erudição: é escrito por um especialista para especialistas. Sua farta bibliografia e as numerosas notas de rodapé (666 no total) abrem uma série de veredas para quem deseja aprofundar suas pesquisas, ao mesmo tempo que apresentam panorama bastante completo daquilo que já foi dito sobre o assunto.

Hugo Langone

NICOLAS RICHER (2012), *La Religion des Spartiates. Croyances et cultes dans l'Antiquité*. (Histoire 113) Paris, Les Belles Lettres, 816 pp. ISBN 978-2-251-38113-8 (55.00€).

Na sequência dos seus trabalhos nas últimas décadas, Nicolas Richer apresenta uma obra sobre o assunto de que é académico de referência, o sistema religioso de Esparta. A monografia, contudo, não procura ser uma síntese regional orientada em torno dos conceitos fundamentais de culto, divindade e função desdobrados sobre a geografia da Lacónia de acordo com a documentação existente. Valoriza-se, essencialmente, a comunidade dos *homoioi* como eixo condutor do raciocínio monográfico e chave preferencial para a interpretação dos fenómenos religiosos historiáveis. Para Richer, são as relações permanentes entre o divino e as dinâmicas do grupo que organizam os elementos do rito, as narrativas mitológicas e estruturam as crenças. As respostas encontram-se na interpretação dos comportamentos, ritmos do quotidiano e da vivência de cada um enquanto espartano. A organização dos conteúdos obedece de uma forma clara a este programa de exegese, pelo que é evitada a exposição extensiva dos cultos do território, sendo somente alguns escolhidos para estudos de caso quando enquadrados no nexo da proposta.